

DESAFIOS DE BRASÍLIA

Yvonne Jean
especial para o Jornal de Brasília

A sinfonia da cidade, por Vinícius e Jobim

Hoje é dia indicado para lembrar aqueles que viveram o início de Brasília e todos os jovens e recém-chegados que ignoram este começo quando tudo, a cada momento, era desafio - e desafio gigante! - a Sinfonia da Alvorada, gerada pelo Planalto deserto, a chegada dos candangos e o trabalho do Homem.

Sinto não poder produzir a música de Antonio Carlos Jobim, mas posso, pelos menos, citar amplos trechos do texto de Vinícius de Moraes. A sinfonia foi executada aqui no dia 21 de abril de 1960. Tempos depois, Vinícius pediu-me que o traduzisse em francês para juntar esta versão a outras - em inglês, alemão e italiano - num disco a ser distribuído na Europa que o surgimento da nova capital mundial empolgava. Mais uma razão para que se conheça melhor esta sinfonia *in loco*!

"O Planalto deserto" inicia o poema sinfônico:

"No princípio era o êrmo...
Eram antigas solidões sem mágoa,
O altiplano, o infinito descampado...
No princípio era o agreste:
O céu azul, a terra vermelha pungente
E o verde triste do cerrado.
Eram antigas solidões banhadas
De mansos rios inocentes
Por entre matas recortadas.
Não havia ninguém. A solidão.

Após descrever os campos sem alma, os bandeirantes, as violências contra o índio e a extensão das fronteiras da pátria, o poeta cita:

- *Fernão Dias, Anhangüera, Borba Gato.*
Vós fostes os heróis das primeiras marchas para o Oeste,
Da conquista do agreste
E da grande planície ensimesmada!
Mas passastes, e, divisor de águas
Das três grandes bacias,
Dos três gigantes milenares,
Amazonas, São Francisco, Rio da Prata,
Do novo teto do mundo, do planalto iluminado
Partiram também as velhas tribos mal-feridas
E as feras aterradas.
E só ficaram as solidões sem mágoa"...
nas quais só se ouvia o pio melancólico do jaó e havia estrelas
"E o Cruzeiro do Sul resplandecente
Parecia destinado
A ser plantado em terra brasileira!
A grande cruz alçada
Sobre a noturna mata do cerrado
Para abençoar o novo bandeirante
O desbravador ousado
O ser da conquista,
O Homem!"

A segunda parte da sinfonia chama-se "O Homem":
"Sim, era o Homem.

Era, finalmente e definitivamente, o Homem.

Viera para ficar. Tinha nos olhos

A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões,

E os horizontes, desbravar e criar, fundar
E erguer. Suas mãos

Já não trazia outras armas

Que as do trabalho em paz (...)

Vinha de longe, através de muitas solidões" (...)

Viera para ficar e "ele plantaria

No deserto uma cidade muito branca e muito pura

"... como uma flor naquela terra agreste e solitária..."

"Uma cidade erguida em plena solidão do descampado

"... como uma mensagem permanente de graça e

poesia..."

"Uma cidade que o sol vestisse com um vestido de noivado

"... em que a arquitetura se destacasse branca, como

que

flutuando na imensa escuridão do Planalto..."

"Uma cidade que um dia trabalhasse alegremente

"... numa atmosfera de digna monumentalidade..."

"E à noite, nas horas de langor e de saudade

"... numa iluminação fêrica e dramática..."

"Dormisse num Palácio da Alvorada

"... uma cidade de homens felizes, homens que sintam a

vida

em toda a sua plenitude, em toda a sua fragilidade;

homens que compreendessem o valor das coisas puras..."

E que fosse como a imagem do Cruzeiro

no coração da pátria derramada.

"... nascida do gesto primário de quem assinala um

lugar

ou dele toma posse: dois eixos que se cruzam em ângulo

reto, ou seja, o próprio sinal da cruz".

(Não é preciso explicar que as frases entre aspas são citações de Niemeyer, menos a última, evidentemente do Plano de Lúcio Costa).

Chegam os candangos e inicia-se a parte terceira da obra:

"Tratava-se agora de construir: e construir em ritmo novo. (...) com

"... e a grande convocação que conclamava o povo para a gigantesca tarefa, começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores, os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mão de pedra, e que, no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus-de-arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria, sobretudo do Norte; foram chegando do Norte, do Meio-Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Centro-Oeste e do Grande Sul, foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades da imensa pátria, sobretudo do Norte; de tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria..."

— Boa Viagem! Boca do Acre! Água Branca!
Vargem Alta! Amargosa! Xique-xique! Cruz das Almas!
Areia Branca! Limoeiro! Afogados! Morenos!
Angelim! Tamboril! Palmares! Taperoá! Triunfo!
Aurora! Campanário! Águas Belas! Passagem Franca!
Bom Conselho! Pedra Azul! Brumado! Diamantina!
Capelinha! Capão Bonito! Campinas! Canoinhas! Porto Belo! Passo Fundo!

— Cruz Alta...

— Que foram chegando de todos os lados da imensa pátria...

— Para construir uma cidade branca e pura...

— Uma cidade de homens felizes..."

(Poderia ter deixado de citar estes nomes todos sem alterar o sentido da sinfonia, mas são tão lindos, são um trecho-homenagem aos candangos que construíram esta cidade naquela ainda pensavam poder residir de vez, mais tarde, e tão bem explicam o ambiente pioneiro que tive de copiá-los!)

A parte IV - O Trabalho - declara que:

"Foi necessário muito mais que engenho, tenacidade e invocação. Foi necessário um milhão de metros cúbicos de concreto e foram necessárias 1.000 toneladas de ferro redondo, e foram necessários..."

e vem a enumeração do material - cimento, areia, fios, brita, laminárias, etc. e também 60 mil candangos para "desbastar, cavar, estaquear, cortar, serrar, pregar, soldar, empurrar, cimentar, aplinar, polir, erguer as brancas empenas..."

— Ah! as empenas brancas!

— Como penas brancas

— Ah! as grandes estruturas!

— Tão leves, tão puras...

— Como se tivessem sido depositadas de manso por mãos de anjo na terra vermelho-pungente do Planalto, e meio à música inflexível, à música lancinante, à música matemática do trabalho humano em progressão... O trabalho que anuncia que a sorte está lançada e a ação é irreversível..."

Após este "irreversível", importante em época em que políticos e funcionários do Rio de Janeiro tudo faziam para ainda tentar retirar da capital em construção do Planalto isolado e voltar às facilidades da vida carioca, ameaçando devolver a Brasília nascente às antigas solidões vem a parte V. É um coral cujas palavras são menos importantes que sua música. E a sinfonia acaba com este belo Canto-Chão que louva, nova e justamente o candango de 1960:

"E ao crepúsculo, findo o labor de um dia, as rudes mãos vazias de trabalho e os olhos cheios de horizontes que não têm fim, partem os trabalhadores para o descanso, na saudade de seus lares tão distantes e de suas mulheres tão ausentes. O canto com que entristecem ainda mais o sol-das-almas a morrer nas antigas solidões parece chamar as companheiras que se deixaram ficar para trás, à espera de melhores dias; que se deixaram ficar na moldura de uma porta onde devem permanecer ainda, as mãos cheias de amor e os olhos cheios de horizontes que não têm fim. Que se deixaram ficar muitas terras além, muitas serras além, na esperança de um dia, ao lado de seus homens, poderem participar também da vida da cidade nascendo em comunhão com as estrelas. Que viram uma manhã, partir os companheiros em busca do trabalho com que lhes dar uma pequena felicidade que não possuem, um pequeno nada com que poder sentir brilhar o futuro no olhar de seus filhos. Esse mesmo trabalho que agora, findo o labor do dia, encaminha os trabalhadores em bando para a grande e fundamental solidão da noite que cai sobre o Planalto..."

Estas eram as esperanças dos trabalhadores pioneiros estes eram os crepúsculos iniciais, que Vinícius e Jobim souberam sentir e reproduzir com muita ternura, e que valia a pena lembrar a todos aqueles que chegaram numa já cidade muito diferente, numa já capital mais confortável, não mais agreste, não mais flor nascendo, não mais poesia, não mais branca e pura, esquecida dos candangos com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra que nela não puderam ficar e merecem esta lembrança no dia-aniversário de hoje.